

Autor: Cristiano Mezzaroba

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Bolsista PDE/CNPq – Brasil

E-mail: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

O capital cultural na sociologia de Pierre Bourdieu e a cultura tecnológica e midiática: compreensões e tensões a partir do conceito e seus usos

*“[...] De todas as espécies de capital, o capital cultural é aquela que será mais espontaneamente reconhecida como legítima.”
(Bourdieu, 2023, p. 228)*

Introdução:

A sociologia elaborada por Pierre Bourdieu é ampla e complexa, com alguns conceitos sendo bastante mobilizados nos mais diversos campos científicos, como o próprio conceito de campo (como o espaço social em que os agentes sociais vivem e operam suas ações, em espaços relativamente autônomos, dotados de leis próprias, cuja principal característica é a dimensão conflituosa por poderes e legitimação social – Bourdieu, 2004b) e de *habitus* (enquanto disposições corporais adquiridas via esquemas de percepção e incorporação socialmente constituídas – Bourdieu, 2004a), mas também o conceito de capital em suas várias dimensões: econômico, cultural, científico, simbólico, social.

O termo “capital” é oriundo da concepção marxista, e Bourdieu, sendo leitor e crítico de Marx¹, amplia as compreensões quanto ao conceito, entendendo que não se trata apenas da acumulação de bens e riquezas econômicas, mas de um acúmulo que ao longo de uma trajetória humana vai sendo pautada por simbolismos e materialidades no contínuo processo temporal dentro de estruturas sociais das atividades cotidianas dos agentes (nas interações com a família, grupos de amigos, na participação escolar/acadêmica, nas igrejas, nos sindicatos, e na exposição e consumo midiático diante de uma cultura contemporânea caracterizada como tecnológica e midiática etc.).

O conceito de **capital cultural** nos auxilia a pensar quanto às transmissões de saberes e conhecimentos das distintas gerações de uma população, ou seja, apresenta-se, no seu modo simbólico e social, como um tipo de bem, que inicia-se na transmissão familiar (por vias diretas ou indiretas, enquanto sistema de valores) e posteriormente segue sendo mobilizado nas instituições educacionais (saberes, conhecimentos etc.) e outras instituições (como a mídia e seus inúmeros veículos na produção e reprodução de produtos e ideologias) pelas quais o agente vai tendo contato, interagindo e sendo socializado.

¹ Segundo Loyola (2002, p. 66): “Bourdieu emprestou também do marxismo a noção de capital como relação social e a ideia de que a posse do *capital econômico* confere, aos que o possuem, poder sobre os desprovidos. Mas ele estende essa noção a outras formas de riqueza, criando conceitos como o de *capital cultural*, que designa uma relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar; de *capital social* [...] e de *capital simbólico*[...]”

Trata-se de um conceito que foi formulado por Bourdieu ao longo de sua extensa obra, para ser operacionalizado, primeiramente, em relação ao desvelamento das desigualdades no contexto escolar, isto é, o pertencimento a determinada classe social vincula um tipo de acúmulo ou não de capitais específicos que geram sucesso ou insucesso escolar. Bourdieu explica que o capital cultural pode ser analisado a partir de três formas: no seu “estado incorporado” (a interiorização de saberes ao longo da vida, na forma de *habitus*), no “estado objetivado” (referente ao acesso, aquisição e consumo de bens culturais, como livros, dispositivos culturais diversos e tecnológicos, acesso à atividades culturais etc.) e no “estado institucionalizado” (títulos escolares/acadêmicos que conferem de forma material um determinado capital cultural).

Assim, o entendimento quanto à construção teórica do capital cultural sob a perspectiva bourdieusiana pode ser uma interessante chave de compreensão para deter-se às mediações concernentes àquilo que a cultura tecnológica e midiática do contemporâneo tem proporcionado ao modo atual de vida/cultura, permeado pelo uso e onipresença das mídias e tecnologias, enquanto contínuo exercício reflexivo, pedagógico² e sociológico de uma crítica do presente.

Diante do exposto, temos o seguinte problema de investigação ao qual o texto se destina averiguar: *Como a sociologia de Bourdieu pode ajudar na compreensão do capital cultural operacionalizado e veiculado na cultura midiática e tecnológica? É possível considerarmos que aquilo que é produzido e veiculado pelas mais diversas mídias, mesmo com seu viés ideológico de mercado, possui algo que, ao ser mobilizado (pedagogicamente), implica em universos formativos que podem se configurar em novos esquemas de incorporação envolvendo informações, saberes e conhecimentos pensando em uma formação cultural?*

Objetiva-se uma imersão teórico-conceitual quanto à operacionalização do conceito de capital cultural em Pierre Bourdieu (Bourdieu, 2001; 2002; 2011; 2014; 2015; 2023) e seus usos e possibilidades em relação à cultura midiática (Fantin, 2010; 2023; Mezzaroba, 2015; 2019; Jenkins, 2009; Jenkins, Ford e Green, 2014; Zuin, 1999; Dalbosco, 2008; Duarte, 2008) que configura o contemporâneo.

Metodologicamente, o trabalho configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, com objetivos descritivos e exploratórios, do tipo estudo bibliográfico, com levantamento de fontes teóricas – livros, capítulos, artigos etc. – em formato de ensaio.

² Embora esta investigação se circunscreva ao campo da Sociologia, mais particularmente à Sociologia do Conhecimento, é importante destacar que o autor do trabalho possui sua vinculação a dois contextos de atuação que envolvem a prática pedagógica: a Licenciatura em Educação Física e a Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa “Tecnologias, Linguagens e Educação”, ambos na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Tal contextualização é importante porque justifica esta pesquisa, ou seja, como tais questões aqui presentes são inquiridas no sentido de buscar suporte teórico-epistemológico também ao contexto das práticas pedagógicas, justamente por atuar no contexto que envolve as mídias e tecnologias. Conforme lembra Loyola (2002, p. 64): “Para Bourdieu, teoria e pesquisa devem estar permanentemente relacionadas entre si e a um projeto intelectual, ou seja, a uma proposta de explicar ou de compreender uma parte específica do mundo social.”

Para tal, está organizado da seguinte maneira: inicialmente, opera-se uma incursão em parte da obra de Pierre Bourdieu para identificar, extrair e refletir sobre seus escritos em relação ao capital cultural; em seguida, apresenta-se de forma breve um esquadramento da sociedade contemporânea em relação a sua configuração midiática e tecnológica; finalizando o ensaio com alguns apontamentos para melhor compreensão envolvendo a relação (possível ou não) de capital cultural e cultura tecnológica e midiática.

O conceito de capital cultural na obra de Pierre Bourdieu

Bourdieu começou a pensar o conceito de capital cultural ao trabalhar com o tema da educação escolar na década de 1960³, iniciando com expressões como “herança cultural” e de “classes sociais favorecidas culturalmente” (Bourdieu, 2023, p. 216). E trata de deixar bem claro que os conceitos de capital cultural e capital humano não são iguais, eles: “[...] respondem a um problema diferente e também têm propriedades diferentes”, em que, para ele, era a maneira de pensar na “[...] correlação entre a origem social das crianças e seu sucesso escolar” (Bourdieu, 2023, p. 217). Assim, segundo Bourdieu (2023):

[...] A noção de capital cultural foi produzida para nomear essa transmissão objetivamente (e não intencionalmente) escondida do capital cultural que acontece inevitavelmente, e mesmo fora de qualquer intenção pedagógica expressa, por meio das relações sociais dentro de uma família: a comunicação linguística, a rotina cotidiana. (Bourdieu, 2023, p. 218)

Poderíamos seguir pensando “com Bourdieu”, atualizando seu conceito e suas possibilidades em abordar aspectos educativos/formativos com a noção/conceitos de capital cultural, ao pensarmos as mídias e tecnologias como dimensões tecnológicas do cotidiano, especialmente às suas possibilidades em contextos educativos/formativos – faremos isso ao longo do texto – tendo em vista o alerta de Orózcó (2005), de que a tecnologia, nas últimas décadas, tornou-se uma outra forma de socialização, quebrando a hegemonia da escola e da família na transmissão de saberes.

Por ora, lembremos quanto à onipresença e significado que a mídia possui na atualidade, ou, como diria Bourdieu, sua maneira invisível de operar sua força simbólica – aqui Bourdieu estava tratando de refletir/desvelar a violência simbólica operada pela dominação masculina em relação aos corpos das mulheres: “A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (Bourdieu, 2014,

³ Segundo Jourdain & Naulin (2017, p. 62), a noção de **capital cultural** aparece primeiramente na obra “A reprodução” (1970), e serve “[...] para designar os conhecimentos e capacidades de apreciar diferentes formas culturais oriundas da ‘cultura erudita’, isto é, a cultura valorizada pelas instituições culturais (teatro, música clássica, pintura etc.). Este capital cultural é tanto mais importante quanto mais favorecida for a classe social.”

p. 60). Assim também o faz a mídia: conquista a cada um sem nenhuma coação, possui um poder de encantamento e de desejo nunca antes visto.

Na aula do dia 19 de abril de 1984, conforme o livro “Sociologia Geral – Volume 3: As formas do capital, Curso no *Collège de France* (1983-1984)”, Bourdieu vai se dedicar à abordagem sobre o conceito de campo e as espécies/formas de capital que circulam e são produzidas nesses espaços que são sociais, mas também são simbólicos. Ao retomar, em específico, sobre os dois principais tipos de capital – o capital econômico⁴ e o capital cultural – Bourdieu dará ênfase ao capital cultural (introduzindo também uma outra menção a ele, de “capital informacional” ou “capital de informação” – Bourdieu, 2023, p. 215).

Ao fazer isso, Bourdieu menciona seu texto “Os três estados do capital cultural” (Bourdieu, 1979 – presentes na obra “Escritos de educação”, organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani, publicada em 1998 pela Editora Vozes no Brasil), explicitando que para ele, existem três formas do capital cultural:

- **O capital cultural na forma de estado incorporado:** refere-se, como o próprio nome diz, àquilo que está presente no corpo dos agentes e que vai sendo “herdado” ao longo do tempo (linguagem, maneira de caminhar, de movimentar-se, de realizar práticas corporais etc.), as disposições duráveis e permanentes do organismo, que poderiam ser traduzidas/visíveis através do *habitus*. Bourdieu vai considerar que para adquirir capital cultural, há que se observar a dimensão do tempo: “[...] o capital cultural só se transmite às custas de um gasto considerável de tempo, e um critério implícito das hierarquias culturais é a duração do tempo de aquisição.” (Bourdieu, 2023, p. 223);
- **O capital cultural na forma de estado objetivado:** que pode ser facilmente observado em relação da aquisição e usos de bens culturais (ter acesso a livros, dicionários, equipamentos culturais – de música, de filmes etc.), e, poderíamos incluir, dispositivos tecnológicos e suas possibilidades contemporâneas (computadores, *smartphones*, aplicativos, videogames etc.). Conforme Bourdieu, são duas as principais propriedades do capital cultural em estado objetivado: (a) “[...] ele se apresenta como um mundo, uma espécie de universo autônomo e coerente que tende a existir por si mesmo” (Bourdieu, 2023, p. 288); (b) “[...] ele só pode ser ‘reativado’ [...] se for reapropriado ativamente por um agente social dotado dos instrumentos específicos de reapropriação: para se reapropriar da obra cultural é preciso ter o capital específico que convém” (Bourdieu, 2023, p. 287);
- **O capital cultural na forma de estado institucionalizado:** é o capital cultural que existe sob a forma dos títulos escolares/acadêmicos, o que garante a “magia social” do título acadêmico em si, enquanto uma “[...] garantia de capital cultural incorporado. É a forma objetivada do capital cultural incorporada, mas ela não implica necessariamente o capital cultural incorporado” (Bourdieu, 2023, p. 297). De acordo com Bourdieu (2023, p. 315),

⁴ Bourdieu comenta sobre o capital econômico para justificar que não se dedicará a explorá-lo na aula/obra: “[...] O capital econômico desempenhará um papel muito importante à medida que será a condição de todas as formas de acumulação de todas as outras espécies de capital possível e, ao mesmo tempo, aquilo no que qualquer outra aquisição poderá ser reconvertida; ela será a medida pela qual qualquer outra forma de acumulação poderá ser avaliada.” (Bourdieu, 2023, p. 215).

uma das propriedades do capital cultural institucionalizado é a “[...] sua capacidade de transcender os acidentes individuais, biográficos, biológicos etc. Ele é uma espécie de certificado de saber e de competência cultural que tem uma função de instituição.”. Ainda sob sua compreensão, Bourdieu (2023, p. 317) complementa sobre o título acadêmico e seu significado: “[...] O título acadêmico pretende garantir que os detentores de um mesmo título sejam idênticos, não sob todos os aspectos, mas sob o aspecto de um conjunto de competências, ao mesmo tempo técnicas e sociais, garantidas juridicamente, que a burocracia exige.”

Podemos identificar, então, algumas variáveis ou elementos que pertencem à contextualização e conceitualização quanto à “capital cultural” segundo o constructo bourdieusiano: (a) deve ser considerado o pertencimento social⁵/classe social⁶, já que Bourdieu vai tratar sempre do “*habitus* de classe”); (b) o sistema de valores – religiosos, morais, familiares, regionais etc. – também deverá ser levado em conta; (c) a trajetória de vida, que seria a dimensão individual e singular do *habitus* – considerando o campo social que é uma estrutura estruturante e estruturada; (d) a dimensão do tempo – e aqui, o tempo na escola⁷, o tempo de dedicação a outros interesses, como música, esporte, cinema, literatura, ciência, religião, política, artes de modo geral etc.; (e) a frequência – que seria a “naturalização” em acessar e frequentar espaços de difusão de conhecimento e de estéticas variadas, consumindo e fruindo práticas e produtos culturais diversos, como livrarias, bibliotecas, centros culturais, museus⁸, teatros, orquestras, cinema⁹, exposições, apresentações de dança e de manifestações artísticas regionais/nacionais/internacionais.

⁵ “[...] Sabemos bem [...] que as diferenças de origem social continuam a orientar durante toda a vida as práticas e a determinar o sucesso social que lhes é atribuído.” (Bourdieu, 2015, p. 149)

⁶ Diferente de Karl Marx, Bourdieu vai considerar “classe social” para além do aspecto econômico e dos meios de produção: “[...] As classes sociais são definidas acima de tudo por sua relação diferente (com a cultura, e notadamente com a cultura erudita).” (Jourdain & Naulin, 2017, p. 96). Na configuração bourdieusiana, a sociedade é constituída por três principais grupos sociais: a burguesia (a posição superior, constituída pelos grandes administradores e diretores e outras profissões liberais), as classes médias (ocupadas por pequenos industriais e comerciantes, por um lado, e dirigente de nível médio, de outro) e as classes populares (posição inferior na sociedade, ocupada por profissões agrícolas, pequenos comerciantes e operários), o que resulta que cada um desses grupos possui sua “cultura de classe” intrínseca/específica. Isso também vai corresponder, segundo a ótica bourdieusiana, a três formas de entendimento quanto ao “gosto”: o gosto legítimo, o gosto mediano e o gosto popular. Conforme Bourdieu (2011, p. 299): “[...] Observa-se a mesma estrutura sempre que se medem as práticas culturais e, em particular, aquelas que exigem uma disposição cultivada, como a leitura, a frequência ao teatro, a concertos, ao cinema de arte ou a museus, sendo que as únicas deformações devem-se à utilização de princípios diversos de classificação.”

⁷ Na obra “A economia das trocas simbólicas”, Bourdieu (2011, p. 331) tece o seguinte comentário sobre a relação entre escola e capital cultural: “Sabemos que o êxito escolar é função do capital cultural e da propensão a investir no mercado escolar (tal propensão dependendo das chances objetivas de êxito escolar) e, em consequência, as frações mais ricas em capital cultural e mais dispostas a investir em trabalho e aplicação escolar são aquelas que recebem a consagração e o reconhecimento da escola.”

⁸ Bourdieu (2011, p. 302) considerava que “[...] a frequência a museus é quase exclusivamente uma atividade das classes privilegiadas.”. Certamente esta afirmação, no século XXI, levaria a um olhar mais apurado sobre esse tipo de frequência, a depender de determinadas cidades e países. Sobre a frequência a museus, Bourdieu pesquisou o tempo de frequência de distintas classes sociais nesses espaços culturais: 22 minutos para as classes populares; 35 minutos para as classes médias; 47 minutos para as classes superiores (Jourdain & Naulin, 2017, p. 95): “[...] As diferentes classes, portanto, não têm a mesma relação com a cultura erudita.”

⁹ Conforme Bourdieu (2011, p. 302): “[...] o cinema tende a adquirir o poder de *distinção social* reservado até então às artes consagradas, sendo possível tal mutação através da estatística de frequência aos cinemas de arte.”

Bourdieu (2023, p. 220) también afirma que há uma “distribuição desigual do capital cultural na sociedade”, e se ele observava isso em relação à escola, constatamos, hoje em dia, que as próprias tecnologias (seu acesso e consumo) amplificaram essas desigualdades. Ele levanta a questão: “Mas como esses instrumentos de apropriação são distribuídos desigualmente, o acesso a esse capital cultural objetivado será desigual.” (Bourdieu, 2023, p. 293). Isso foi possível de ser observado durante a pandemia de covid-19, em que vimos as dificuldades de boa parte das pessoas em seguirem estudando, principalmente pelo fato de não terem dispositivos tecnológicos, e, também, recursos de conexão para acessar plataformas e *sites* em geral (para estudo, para se informar, para se entreter, para se comunicar com as pessoas).

Além disso, outra constatação de Bourdieu (2023, p. 227) se refere aos “efeitos de distinção do capital cultural incorporado”, o que, em relação aos dispositivos tecnológicos e ao acesso de conteúdos midiáticos, acabamos naturalizando o fato de que ter/acessar dispositivos tecnológicos pode produzir desejos de conhecer mais, de se estudar mais/e de forma mais aprofundada a partir dos recursos ali presentes. Segundo Bourdieu (2011, p. 316), “[...] a maioria dos consumos culturais implica também um custo econômico”, evidenciando que existe uma naturalização quanto ao capital cultural objetivado e as possibilidades disso em relação ao consumo de um capital cultural que pode se apresentar como incorporado pelas mídias.

Quando trazemos a discussão para o momento atual, principalmente com a intensificação dos usos tecnológicos e o contexto da conexão (Jenkins, Ford e Green, 2014), o contexto da convergência (Jenkins, 2009) e o contexto da ubiquidade e das culturas digitais, que são fáceis de usar e proporcionam interatividade e possibilidade de autoria e de sociabilidades (Fantin, 2010), fica evidente que houve uma intensificação das tecnologias e da imersão delas em nossas vidas, extrapolando contextos educativos e familiares, por exemplo. Temos, portanto, um cenário mais amplo daquele vivido por Bourdieu ao pensar o conceito e aplicabilidade de capital cultural.

É inegável que a constituição do *habitus* contemporâneo, principalmente para jovens escolares, embora guardadas as diferenças de origem e pertencimento sócio-cultural-econômico, ocorre também em relação à presença, acesso e consumo daquilo que os dispositivos eletrônicos oportunizam com a produção cultural digital. Sobre isso, podemos pensar com Bourdieu (2001, p. 180), que o *habitus* é: “[...] o produto de uma história, os instrumentos de construção do social investidos por ele no conhecimento prático do mundo e na ação são socialmente construídos, ou seja, estruturados pelo mundo que eles estruturam.”

Na obra “Meditações pascalianas”, Bourdieu (2001) faz o seguinte apontamento:

Todo tipo de capital (econômico, cultural, social) tende (em graus diferentes) a funcionar como capital simbólico (de modo que talvez valesse mais a pena falar, a rigor, em *efeitos simbólicos do capital*) quando alcança um reconhecimento explícito ou prático, o de um habitus estruturado segundo as mesmas estruturas do espaço em que foi engendrado. (Bourdieu, 2001, p. 295)

Possuir um dispositivo eletrônico com acesso à internet e que permite acessar lugares e contextos virtuais é uma forma de possuir um tipo de capital cultural no seu estado objetivado que, do ponto de vista prático, pode ser um instrumento para conhecer mais, buscar mais informações, aprender mais. Entretanto, conforme o próprio Bourdieu afirmou, a tecnologia, por si só, não garante nada, ela precisa ser “reativada” por um agente que possui conhecimento a seu respeito para dela extrair todas suas possibilidades. Com isso, essa tecnologia em estado objetivado, transformado em possibilidade de uso pedagógico, pode ser convertido em uma espécie de capital cultural incorporado que pode ser “reconhecida como legítima” (Bourdieu, 2001, p. 295).

O conjunto da produção midiática acessível nos dispositivos eletrônicos (e mesmo analógicos), nunca reconhecido como um capital cultural, poderia, então, configurar-se e ser reconhecido como um capital simbólico entendido como forma de permitir contato/acesso/fruição com outras esferas (do saber escolar e sistematizado, da ciência, das artes, da cultura etc.) e como forma de aquisição de formas de capital cultural, guardadas as suas especificidades. Por exemplo: o jovem pode não ter recursos financeiros e nem residir em uma cidade a ponto de conseguir presenciar uma apresentação artística (orquestra sinfônica, uma companhia de dança, uma peça teatral etc.), entretanto, mesmo a experiência não sendo a mesma, ele pode acessar, hoje em dia, vídeos e informações das mais diversas a ponto de conhecer alguns espetáculos/representações – e disso extraindo curiosidades, reflexões, conhecimentos técnicos, pensando sobre as provocações que a arte produz etc.

O que mais se aproxima dessa chave de compreensão do capital cultural, sob a perspectiva de Bourdieu, com as possibilidades das mídias e tecnologias, refere-se ao que o referido sociólogo conceituou como “capital informacional” (Bourdieu, 2023, p. 318), entendido como “[...] um estoque de informações e disposições estruturadas e estruturantes que permitem informar e estruturar a informação recebida” (Bourdieu, 2023, p. 407).

[...] Esse capital de informações estruturadas e estruturantes é de alguma forma armazenado, por um lado, no cérebro, na memória ou nas disposições corporais mais gerais e, por outro, na objetividade, sob a forma de coisas ou de instituições. Essas informações armazenadas e estruturadas terão como propriedade estruturar toda nova informação recebida e, ao mesmo tempo, o capital informacional funcionará como um ‘código’ que pode ser incorporado ou objetivado [...]. (Bourdieu, 2023, p. 318)

Em pesquisa empírica desenvolvida por Setton (2005), com estudantes que conseguiram ingressar em cursos considerados elitizados da Universidade de São Paulo (Brasil), a autora

identificou que há uma socialização que envolve tanto instâncias tradicionais da educação, como também por informações e conhecimentos veiculados pela cultura da mídia, configurando-se como um “novo capital cultural”, ou como um “capital cultural dos desfavorecidos”, ampliando a compreensão inicial de capital cultural em Bourdieu. Segundo Setton (2005):

[...] quero salientar que a leitura de jornais e revistas, a assistência interessada a uma programação televisiva, a audiência a entrevistas com especialistas, ou viagens pela internet (entre outras possibilidades) podem servir também como estratégias de adquirir bens da cultura e do conhecimento e de ter acesso a estes. Em outras palavras, quero destacar uma outra ordem de estratégias e/ou práticas culturais que demonstram uma abertura ante o aprendizado informal/formal difundido por instâncias ainda não consagradas como legítimas. (Setton, 2005, p. 80)

Com isso, é possível pensarmos em uma “espécie de capital cultural” a partir das mídias diversas: seja pelo conteúdo informativo¹⁰/jornalístico, seja pelo conteúdo literário (acesso a poesia, crônicas, literaturas diversas), seja pelo conteúdo em plataformas audiovisuais (como *Youtube*, por exemplo, acessando entrevistas, mesas redondas, documentários, curtas-metragens, filmes diversos, animações, aulas gravadas, palestras e *webinários*), seja acessando produção cultural em canais de *streamings* (aqui, há de se considerar a relação com o capital econômico), seja acessando espaços virtuais/digitais diversos com informações e conteúdos culturais. Nesse aspecto, é necessário um cuidado quanto ao entendimento de que “aquisição de cultura” (música, literatura, ópera, cinema, fotografia, teatro, artes plásticas etc.) seja algo restrito relacionado a uma cultura tida como exclusivamente erudita.

As importantes construções teóricas e pesquisas empíricas realizadas por Bourdieu e seu grupo permitiram com que hoje, possamos pensar sobre o conceito, apropriações e possibilidades no que se refere ao capital cultural. Entretanto, quando consideramos as transformações ocorridas principalmente nas duas últimas décadas com relação ao avanço das tecnologias na sociedade, e em especial na educação (como consequência e influência do neoliberalismo), e as implicações decorrentes de seus usos em contextos educativos/formativos em função da pandemia de covid-19 – com o chamado “modo remoto emergencial”, que trouxe de forma mais precisa as discussões quanto às possibilidades e limitações das tecnologias na formação humana – o conceito de capital cultural precisa ser alargado.

Isso porque, as reflexões de Bourdieu, em relação à mídia, incluíam os olhares para a mídia impressa, o rádio e a televisão¹¹, formas midiáticas que, principalmente na última década,

¹⁰ Gambarotta (2022), a partir dos escritos de Walter Benjamin, apresenta três características básicas das sensações provocadas pela produção jornalística: a superficialidade, a lógica constante e incessante da renovação da informação, e a brevidade (que complementa a novidade, justamente para não perder o ar de “novo”).

¹¹ Em 1997, Bourdieu publicou um livro abordando a televisão, operando, com sua reflexividade própria, o desvelamento desse elemento tecnológico e cultural em relação às ideologias dominantes. Em entrevista a Maria Andréa Loyola (2002), Bourdieu

não são hegemônicas em relação ao consumo cotidiano, devido ao acesso à internet, que acabou por aglutinar todas as outras mídias no espaço virtual/digital. Ocorre que com o advento, massificação e intensificação dos usos da internet, passamos a ter acesso a possibilidades nunca antes possíveis, tendo em vista o poder aglutinador da internet em relação a todos os demais recursos.

O que proponho com isso? Afirmar que a construção teórico-conceitual de Pierre Bourdieu não se adequa ao tempo presente em relação às possibilidades que as mídias e as tecnologias colocam para incorporar capital cultural às novas gerações? De forma alguma! Argumento no sentido de que é necessário considerar as profundas transformações que têm ocorrido nas últimas duas décadas, quanto ao aparecimento e desenvolvimento de um conjunto de tecnologias que foram incorporadas no cotidiano das pessoas, e no que tais dispositivos possibilitam a quem atua em contextos educativos e formativos, enquanto novas possibilidades para estimular as novas gerações a visualizarem nesses dispositivos elementos para acessarem, consumirem e incorporarem formas diversas de capital cultural diante de um trabalho pedagógico. Assim, é necessário considerar, dentre tais transformações que o mundo vêm passando, aquelas de ordem social, política e econômica que configuram a intensificação do capitalismo, na sua forma atual, o neoliberalismo, ou seja, não se defende uma perspectiva ingênua ou neutra na análise “com” as mídias, e sim, uma crítica constante “sobre” elas.

Não podemos esquecer de que as tecnologias favorecem e convergem à lógica do individualismo. Segundo Dalbosco (2008, p. 194), “[...] Constata-se que a tecnologia torna-se um recurso indispensável à mercantilização do ensino e à formação profissionalizante, ambas voltadas exclusivamente ao atendimento das necessidades cíclicas e momentâneas do mercado.”

Segundo Dalbosco (2008, p. 191), “[...] A sociedade de massa deu ensejo à formação de um amplo mercado consumidor de bens culturais”. Quando pensados como produtos

reconheceu tal veículo como meio de comunicação importante no mundo atual – estamos falando do final dos anos 1990 – mas que também devem ser considerados seus efeitos, como por exemplo, o efeito global de despolitização, um desencantamento com a política, além de emitir fortes críticas aos jornalistas nesse trabalho das representações instantâneas e de descontinuidade do mundo. Bourdieu responde que com exceção da produção jornalística para um público mais culto, “[...] os jornais televisivos são atemporais, a-históricos.” (Bourdieu, 2002, p. 41), e que o trabalho jornalístico “[...] deveria produzir-se ‘globalização’, ligar os fatos, relacioná-los. Se um jornalista fizesse isso, seria acuado de estar fazendo política, de estar tomando uma posição. Na lógica da televisão, ao contrário, o que ele deve fazer é mostrar imagens e nada além de imagens. Sabemos que as imagens podem ser manipuladas por um determinado enquadramento ou por uma determinada técnica. O mais grave, porém, é o fato mesmo de se isolar a imagem daquilo de que ela é o complemento, de todo o contexto na qual ela adquire sentido e que a torna inteligível. [...] Existe uma lógica do mundo jornalístico [...] que tende a apresentar um mundo absurdo, anedótico, sem pé nem cabeça.” (Bourdieu, 2002, p. 41-42). Diante do cenário atual envolvendo o universo das culturas digitais e as implicações disso na vida de qualquer pessoa, poderíamos seguir uma tentativa de “imaginação sociológica” junto ao pensamento bourdieusiano, no sentido de pensar sobre as implicações políticas, sociais e culturais da intensificação e potencialização das ideologias veiculadas pelas mídias em geral, transformando o problema social em problema sociológico.

culturais – sob uma lógica de produção e circulação da indústria cultural¹² – eles até podem trazer possibilidades de ampliação da realidade, de enriquecimento cultural e de conhecimentos, entretanto, parece evidente que seus usos e utilização são mais relacionados a um sentido de consumo de entretenimento e de viés comunicacional do que dentro de uma perspectiva educativa, formativa, reflexiva e crítica.

A naturalização quanto à utilização de plataformas digitais (tanto em relação ao cotidiano, como para os estudos, por exemplo), os encaminhamentos das “escolhas” pela via dos algoritmos na vida digital, os conteúdos repletos de vieses ideológicos (na publicidade, no jornalismo, nos diversos produtos culturais, como o cinema), são exemplos interessantes e potentes quanto aos perigos da produção midiática como uma espécie de capital cultural cujo propósito é a mercadorização da vida agindo em prol de um grande mercado.

A sociedade contemporânea e sua configuração midiática e tecnológica

Uma “sociologia espontânea”, em forma de prenoções, leva a um duplo entendimento quando trazemos a discussão das tecnologias e mídias na educação: um conjunto de agentes e opiniões vai colocar que as tecnologias são elementos que não se adequam aos espaços escolares/formativos, que atrapalham a dimensão pedagógica etc.; e por outro lado, outros agentes vão considerar que elas devem ser integrados às práticas educativas/formativas. Conforme aprendemos com Bourdieu quanto ao ofício do sociólogo, é necessário que essa “sociologia espontânea” seja tomada por um olhar mais apurado sobre o fenômeno que se pretende observar, operando uma “sociologia do desvelamento”.

Enquanto agente que atua no campo da formação de professores(as) de EF no Brasil, cotidianamente reflito em relação às possibilidades e impossibilidades que envolvem a mediação docente enquanto conjunto de estratégias que podem alterar esse plano formativo, visando uma ampliação do repertório de conhecimentos (técnicos, didáticos, pedagógicos, científicos, artísticos/estéticos etc.), mas também quanto a práticas e estratégias que garantam experiências que sejam convertidas em capital cultural aos futuros(as) professores(as) de EF.

É preciso considerar, entretanto, todas as questões que configuram o contemporâneo, suas contradições em relação às possibilidades educativas, conforme Gambarotta (2022), principalmente em relação à cultura de consumo de massas e à reprodutibilidade técnica das

¹² Adorno e Horkheimer (1985), filósofos alemães pertencentes à chamada “Escola de Frankfurt”, movimento filosófico e crítico que elaborou o que entendemos hoje por Teoria Crítica da Sociedade, cunharam o conceito de *indústria cultural*, o qual nos ajuda a entender e “decifrar” os mecanismos utilizados pela mídia e sua constituição, principalmente com aquilo que consideraram como “cultura de massas” própria da sociedade moderna. É importante considerar que tal conceito refere-se a uma crítica à sociedade, à cultura, e não em específico à mídia, como tem sido confundido nos dias atuais.

informações e das estratégias do neoliberalismo atual, em que vemos o fetichismo pelas tecnologias e mídias. Para Gambarotta (2022), a transmissão geracional do ofício educativo só é possível numa dimensão de tempo a longo prazo, e a temporalidade fragmentada da educação contemporânea é impactada, o que se evidencia na sua superficialidade.

Em ensaio publicado em 2019, abordei a respeito da cultura midiática (Mezzaroba, 2019, p. 3), entendendo-a como “[...] produtora de um enquadramento do nosso modo de compreensão do mundo”, o qual “[...] requer pensar em mecanismos técnicos, discursivos, imagéticos, ideológicos e econômicos que ‘acostumam’, ‘condicionam’, ‘apresentam’, enfim, recursos diversos que fazem o sujeito prender sua atenção”. Homogeneização (tentativa de totalização comum das audiências e consumos) e padronização (dimensão da produção de mercadorias em um padrão único) seriam duas características da produção midiática, além da consideração de que a mídia deve ser entendida tanto em relação à sua materialidade (o jornal e a revista impressa, o rádio, a televisão, o cinema, os dispositivos para acessar internet, por exemplo) como às simbologias dos textos, imagens e sons da produção cultural que circulam nas mídias, e que impactam na formação das subjetividades humanas.

Em outro ensaio (Mezzaroba, 2015), abordei sobre a formação de professores, práticas midiáticas e mediações educativas, problematizando o fato de a mídia, em seu conjunto, caracterizar a cultura de nosso tempo, impactando fortemente no contexto educativo, formativo e cultural, interrogando se podemos pensar em uma (possível) relação entre práticas midiáticas e mediações educativas, no sentido de articular um trabalho pedagógico que considere a atualidade, a criticidade, a reflexividade e a cientificidade.

Fantin (2023) defende que a articulação da educação com as tecnologias é uma condição para atualizar nosso pensamento e nossa concepção de formação. Para a autora, “[...] são muitos os movimentos que a chave da tecnologia tem girado, configurando-se como saber estruturante da educação e da formação.” (Fantin, 2023, p. 217). Ainda para ela, pensando na dimensão da produção midiática e o capital cultural, a escola passa a ter uma função no universo tecnológico atual:

[...] refletir sobre a confiabilidade do que vemos, lemos, acessamos, compartilhamos, identificar as desinformações fabricadas; analisar e interpretar criticamente o que acessamos; identificar e refletir sobre suas formas; conteúdos e linguagem; e saber operar com seus códigos para poder se expressar e comunicar por meio de seus artefatos. (Fantin, 2023, p. 218)

As tecnologias nos fazem pensar em aspectos da cultura, da educação, da política, das ideologias etc. Elas permitem com que visualizemos transformações em relação à nossa percepção da realidade e aos modos de sensibilidade do contemporâneo, ou seja, a partir das tecnologias, podemos pensar em uma educação estética.

Otra chave de leitura e compreensão das mídias e tecnologias é possível a partir do viés crítico, pela perspectiva da indústria cultural (Zuin, 1999; Duarte, 2008; Dalbosco, 2008), em que a produção midiática é observada e interpretada como mercadorias e sob uma lógica da espetacularização. De acordo com Dalbosco (2008, p. 192), “[...] A comercialização das mercadorias culturais produzidas pela indústria, visando deliberadamente o lucro, e não a criação cultural e a formação dos indivíduos, em uma perspectiva mais ampla, de pessoas humanas, é o que, segundo Adorno, caracteriza a indústria cultural”. Dalbosco (2008, p. 192) traz a crítica de Douglas Kellner ao conceito de indústria cultural, ao considerar que “[...] a teoria de Adorno não consideraria adequadamente o fato de que os próprios indivíduos recebem as informações da mídia e da cultura de modo muito diversificado.” Apresenta outra objeção ao conceito de indústria cultural, isto é, de que “[...] a indústria cultural reproduz, simplesmente repetindo, de modo uniforme, a ideologia da sociedade existente” (Dalbosco, 2008, p. 192). E a terceira crítica, que “[...] volta-se contra a tentativa a-histórica de universalizar o modelo de indústria cultural para todos os tempos e acontecimentos.” (Dalbosco, 2008, p. 193).

Zuin (1999), em seu livro “Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia”, em específico no capítulo “Educação e emancipação: a auto-reflexão da crítica da formação convertida em semiformação”, retoma ideias de Theodor Adorno que podem ser vinculadas a teorias pedagógicas. Ao fazer isso, Zuin (1999) também reflete sobre a tendência atual de subordinar a teoria à prática, tendo em vista a ênfase à lógica do imediatismo e também da superficialidade, notando “[...] certa aversão ao exercício do pensamento reflexivo nos indivíduos” (Zuin, 1999, p. 117). Segundo Zuin (1999):

[...] Atualmente, o que interesse é o acúmulo do maior número de informações no menor espaço de tempo possível por meio do consumo de produtos semiculturais que parecem fornecer de antemão as respostas para todas as nossas dúvidas, bem como o atendimento dos nossos mais recônditos desejos. (Zuin, 1999, p. 117)

Também considera, seguindo a tentativa de pensar na transmissão de capital cultural pela produção midiática, que os processos educacionais não envolvem apenas o espaço escolar/universitário: “[...] a esfera do educativo não se delimita às instituições de ensino, ampliando a percepção a ponto de investigarmos a forma como a mercantilização dos produtos simbólicos determina novos processos educativos fora ou dentro das escolas.” (Zuin, 1999, p. 118).

Para Zuin (1999), a ideia central de Adorno em relação ao processo educativo/formativo é a emancipação, a partir da lógica kantiana de sair da condição de menoridade. E isso envolve duas dimensões: a continuidade (a qual considera que os conteúdos culturais estejam

continuamente presentes nos atos educativos) e a temporalidade (a formação nunca deve desconsiderar os vínculos temporais e históricos com o que se estuda).

Embora nunca tivemos tanto acesso a informação como temos hoje, graças à internet, isso não significa que tenhamos conhecimento e consciência da realidade, o que Zuin (1999, p. 119) considera como sendo a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, e, como fica explícito sob sua perspectiva, os produtos midiáticos não seriam veículos de transmissão de capital cultural: “[...] submetemo-nos mais do que nunca aos conteúdos dos produtos semiculturais, veiculados pela pseudodemocratização da produção simbólica.”. E apresenta o seguinte questionamento e reflexão, corroborando tal impossibilidade:

[...] como se podem educar indivíduos que já se consideram educados? Evidentemente, essa questão não se refere sobretudo àqueles que se consideram bem informados sobre uma miríade de assuntos pelos meios de comunicação de massa. Trata-se de se ter consciência de que a mercantilização dos produtos simbólicos, ou seja, a indústria cultural, não permite, de antemão, a verdadeira democracia e nem a validação do exercício da racionalidade livre, objeto de desejo da própria formação.” (Zuin, 1999, p. 124)

Duarte (2008) procura argumentar que a crítica presente na Teoria Crítica e no conceito de “indústria cultural” ainda é válida, e para isso, o referido autor parte do “modelo clássico” analisado por Horkheimer e Adorno na década de 1940 com o que ele denominou como sendo a “indústria cultural global” no começo dos anos 2000.

Diante de todas essas mudanças, não apenas tecnológicas, mas também geopolíticas – já que a globalização introduziu uma nova fase no capitalismo monopolista internacional –, e levando em consideração que a própria Teoria Crítica da Sociedade concebia seu objeto como essencialmente histórico e, portanto, sujeito a transformações substanciais, é o caso de perguntar até que ponto as colocações feitas por Horkheimer e Adorno no início da década de 1940 seriam válidas no contexto atual. (Duarte, 2008, p. 101)

Para isso, argumenta em relação aos aspectos econômicos (pelo maior poder econômico das empresas de comunicação de massa, além de maior autonomia), em relação aos aspectos ideológicos (tanto “objetivos” – a maneira como os agentes da indústria cultural operam seus expedientes, via manipulação retroativa e expropriação do esquematismo; como “subjetivos”, descritos como defensivos e como agressivos, esta última forma seria a maneira pela qual os produtos da indústria cultural fazem com que as pessoas entreguem-se totalmente aos ditames do mercado) e em relação ao aspecto estético (envolve conhecer e reconhecer o “estágio de desenvolvimento da cultura de massas” e as questões quanto ao “estilo”).

Considerações finais

Mídias e tecnologias apresentam-se no contemporâneo como como mais uma instância que oportuniza experiências socializadoras, no conjunto das experiências plurais que envolvem

as formas culturais, como é o caso da escola, da família, dos grupos de amizades, da frequência a clubes, igrejas, sindicatos etc. A questão não está em automaticamente negar ou recusar essa presença, tampouco em acreditar que essa mediação ocorra de forma natural e integrada à vida das pessoas sem reflexão/crítica/produção de significados, mas em identificar o que é possível na imersão a esse novo universo que permite viajarmos pelo mundo e conhecermos múltiplas coisas pelas telas com acesso a uma boa internet.

A escola/formação pode ser esse lugar que além da sua tradicionalidade quanto ao saber e às formas de conhecimento, estimula, incentiva, mobiliza e age em relação aos investimentos culturais que podem ser possíveis a partir de dispositivos tecnológicos que apresentam conteúdos e produtos culturais interessantes/formativos/provocativos: acessando jornais/revistas digitais, portais científicos, portais de exibição de curtas-metragens e de filmes de arte, de documentários, de apresentações de companhias de danças do mundo todo, de músicos/cantores dos mais diversos estilos musicais, enciclopédias digitais e bancos de imagens, além de poder realizar passeios virtuais nos variados museus do mundo em 360 graus.

Assim, as mídias e tecnologias podem servir para aproximar, estimular conhecer, reconhecer possibilidades de existência de manifestações diversas e o que é possível com isso em relação à formação e aos vários aspectos do contemporâneo. Há algo nesse capital cultural midiático que se integra e é colonizado pela lógica da indústria cultural (produtos culturais como mercadorias), mas há algo que pode ser compreendido em uma outra dimensão, algo nesse contexto que pode ser disruptivo em relação ao que circula nas mais diversas mídias.

Estratégias envolvendo tecnologias e aparatos midiáticos podem impactar na incorporação de *habitus* às formações de professores, considerando-se que podem se configurar em outros esquemas de percepção, de apreciação e de ação envolvendo as práticas pedagógicas e suas possibilidades vinculadas aos acontecimentos da sociedade contemporânea (classe social, gênero, etnia, gerações, estética, saúde/doença, educação etc.). Se o *habitus*, como aprendemos com Bourdieu, refere-se a como o mundo social vai sendo percebido, apreciado e incorporado em cada um de nós, também pelas estruturas mentais vamos apreendendo esse mundo, estratégias envolvendo mídias e tecnologias na formação de professores e professoras podem se materializar como novas formas de socialização profissional/pedagógica.

Nesse sentido, diante da incursão realizada em torno do conceito (e do contexto) bourdieusiano de capital cultural, e das reflexões quanto à sociedade permeada por uma cultura tecnológica e midiática, seja possível se falar em uma continuação – e ampliação – do conceito para o que seria um *capital cultural midiático*, que dependeria, em grande medida, da mediação pedagógica dos(as) professores(as) (Bourdieu nos lembra que o capital cultural em seu estado

objetivado precisa ser “reativado” por um agente social), necessitando, como defendi, “Uma relação mais contextualizada e atualizada do professor, ao inserir-se na cultura digital” (Mezzaroba, 2019, p. 23), e que “A utilização das tecnologias permitiria um maior diálogo entre diferentes linguagens, para além da oral e da escrita, mas também a corporal e a imagética” (Mezzaroba, 2019, p. 24) e que “Há um risco cada vez maior de a cultura midiática substituir o saber escolar” (Mezzaroba, 2019, p. 24).

Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mitificação das massas. In: ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p. 113-156.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Tradução Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria A. Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004b.
- BOURDIEU, Pierre. Reprodução cultural e reprodução social. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Organização Sergio Miceli. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 295-336.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70 Lta., 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral**. Vol. 3: As formas do capital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- DALBOSCO, Cláudio Almir. Problemas de atualidade da teoria crítica? Indústria educacional hoje. In: DURÃO, F.A.; ZUIN, A.; VAZ, A.F. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 185-198.
- DUARTE, Rodrigo. Indústria cultural hoje. In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 97-110.
- FANTIN, Mônica. Dos consumos culturais aos usos das mídias e tecnologias na prática docente. **Motrivivência**, Florianópolis, v.22, n. 34, p. 12-24, jun. 2010.
- FANTIN, Monica. Arte e tecnologia como saberes estruturantes da formação humana, da docência e da didática. In: LONGAREZI, A.M.; MELO, G.F.; XIMENES, P. de A. e S. (orgs.). **Didática, práticas pedagógicas e tecnologias da educação**. vol. 2. Jundiaí: Paco, 2023. p. 210-231.
- GAMBAROTTA, Emiliano. La educación em los tiempos del espíritu del neoliberalismo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 40, n.1, p.01-15, jan./abr. 2022.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ªed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.
- JOURDAIN, Anne; NAULIN, S. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MEZZAROBA, Cristiano. Reflexões sobre a formação de professores, práticas midiáticas e mediações educativas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 8, n. 17, set./dez. 2015.
- MEZZAROBA, Cristiano. Cultura escolar e cultura midiática enquanto “gramáticas estruturantes”: reflexões, possibilidades e limites. **Amazônida**, Manaus, v. 4, n. 2, 2019, p. 1-26.
- ORÓZCO, Guillermo. O telespectador frente à televisão – Uma exploração do processo de recepção televisiva. **Communicare**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2005.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n.90, p.77-105, jan./abr. 2005.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ZUIN, Antônio Á.S. **Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia**. Campinas: Autores Associados, 1999.